



Ensino & Pesquisa

Ensino & Pesquisa magazine is an interdisciplinary journal of the State University of Paraná (UNESPAR), Center for Humanities and Education. Its objective is to publish scientific articles focused on undergraduate and teacher education. Quadrennial Classification 2013-2016 - Teaching B1. (Preprints Policy-AUTHOREA Platform) ISSN: 2359-4381
<https://doi.org/10.33871/23594381.2021.19.3.236-253>

A Educação em Paulo Freire: uma possibilidade para superar a opressão e alcançar a autonomia

Wilson Jaques de Oliveira, mestrando em educação pelo programa PPGE-FB, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Francisco Beltrão (UNIOESTE). wilsonpedagogo@gmail.com

André Paulo Castanha, Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Pós-Doutor pelo Departamento de Filosofia e História da Educação da Unicamp, Professor Associado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - Campus de Francisco Beltrão, andrecastanha66@gmail.com

Resumo: Nosso objetivo no presente texto foi de revisitar e refletir sobre algumas obras do educador Paulo Freire e entender o diálogo que ele buscou desenvolver com seus principais interlocutores, os/as profissionais da educação. A pesquisa envolve a análise das obras, a partir da leitura da nossa realidade social. Elencamos três pontos para o diálogo com o autor. O primeiro diz respeito à questão da neutralidade e a ação docente. As leituras e reflexões nos levaram a entender a educação como algo intencional e portanto, sem a possibilidade de ser neutra. O segundo refere-se à pesquisa e o ensino na ação docente. Nesse aspecto, evidenciamos o apelo de Paulo Freire para que os professores cultivem as práticas de estudos, em prol de uma atualização pedagógica constante, da conscientização social e do aprofundamento na área científica. O último elemento trata-se do diálogo na ação docente, considerado por Paulo Freire como uma prática essencial no ato educativo. Apesar de já ter decorrido mais de 25 anos da publicação de sua última obra, suas análises são muito ricas para compreender o processo educativo, suas possibilidades e limitações. Frente a um sistema meritocrático, Paulo Freire propõe uma educação problematizadora, que possibilita a leitura de mundo. Ler o mundo significa compreender o contexto social, político, econômico em que os sujeitos estão inseridos, conscientizar-se da opressão social existente em nosso meio e buscar a autonomia intelectual.

Palavras-chave: Educação e Neutralidade, O Diálogo na Ação Docente, Educação e Democracia, Educação e Emancipação.

Education in Paulo Freire: a possibility to overcome oppression and achieve autonomy

Abstract: Our objective in this text was to revisit and reflect on some works by educator Paulo Freire and understand the dialogue he sought to develop with his main interlocutors, the education professionals. From the analysis of the works, we listed three points for dialogue with the author. The first concerns the issue of neutrality and teaching action. The readings and reflections led us to understand education as something intentional and, therefore, without the possibility of being neutral. The second refers to research and teaching in the teaching action. In this aspect, we highlight Paulo Freire's appeal for teachers to cultivate the practices of studies, in favor of a constant pedagogical update, social awareness, and deepening in the scientific area. The third point is the dialogue in the teaching activities, considered by Paulo Freire as an essential practice in the educational activity. Although more than 25 years have elapsed since the publication of his last work, his analyzes are very rich to understand the educational process, its possibilities and limitations. Faced with a meritocratic system, Paulo Freire proposes a problematizing education that makes it possible to read the world. Reading the world means understanding the social, political, economic context in which subjects are

inserted, becoming aware of the social oppression existing in our environment, and seeking intellectual autonomy.

Keywords: Education and Neutrality, Dialogue in Teaching, Education and Democracy, Education and Emancipation.

Submissão: 2021-06-10. **Aprovação:** 2021-09-13. **Publicação:** 2021-12-23

Introdução

A finalidade do presente texto é refletir sobre as obras de Paulo Freire diante da nossa realidade atual, com o objetivo de propor um modelo educativo democrático, com a valorização do indivíduo em prol da coletividade humana.¹ Para tanto tomamos como fonte de análise as seguintes obras do autor: *Pedagogia do Oprimido*, lançada no ano de 1968; *A Importância do Ato de Ler* de 1982; *Pedagogia da Esperança* de 1992; *Política e Educação* de 1993, e *Pedagogia da Autonomia*, sua última obra lançada em vida em 1996.

Nessas obras, o educador buscou dialogar com os professores de forma ampla sobre a educação, contextualizando e situando os leitores, sobre as reais intenções presentes no meio educacional e sobre o papel da educação na construção de uma sociedade coletiva e democrática.

As reflexões levantadas a partir de Paulo Freire possibilitam entender sua luta em favor de um processo formativo dos sujeitos humanos democráticos e conscientes do contexto social. Defensor da democracia e contra o autoritarismo, Paulo Freire entendeu que o professor tem a possibilidade de oferecer aos educandos uma visão real de seu mundo, suas contradições, limites e possibilidades.

No decorrer das leituras das obras do autor, ficou visível o seu esforço em mobilizar os/as profissionais da educação, para uma constante formação em busca do conhecimento, com o objetivo de defender posicionamentos a respeito das políticas desenvolvidas pelos governantes, no intuito de fortalecer as lutas e de possibilitar avanços na qualidade do ensino público e do trabalho docente.

¹ Este artigo é resultado das leituras realizadas no projeto desenvolvido na modalidade de iniciação científica voluntária, denominado de Leituras de Paulo Freire, pelos Docentes do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, no decorrer do ano de 2018.

O texto está organizado em três partes. Na primeira abordamos a neutralidade e a ação docente, levando o interlocutor a entender que sua presença em sala de aula jamais será neutra, além disso, enfatiza a importância do conhecimento e da consciência, sobre os fatos sociais e políticos, que interferem diretamente no campo da educação.

Na sequência, focamos na pesquisa, ensino e formação humana na ação docente, como possibilidades de uma transformação, tanto na vida dos sujeitos, quanto na vida do próprio profissional envolvido no processo educativo e, conseqüentemente no meio social.

Na terceira parte tratamos da importância do diálogo na ação docente, como ferramenta para a descoberta de novos conhecimentos e de uma consciência sobre as reais condições sociais e políticas, que determinam o contexto vivido, o diálogo como ferramenta básica para ações pedagógicas democráticas no ambiente escolar. Por fim apresentamos breves conclusões.

Neutralidade e ação docente

No entendimento de Paulo Freire, a educação é algo intencional, portanto, não é neutra. A escola é um espaço, no qual os profissionais da área, no desempenho de seu trabalho, na maneira de interpretar, de ensinar, no modo de agir, exercem uma ação intencional, que interfere diretamente na formação humana e, conseqüentemente na formação social.

É imprescindível que o professor tenha consciência de que a educação não é apenas uma transmissão de conteúdo, ela é um instrumento utilizado na sociedade para difundir/impôr ideias, valores e interesses políticos. Pois, até mesmo na educação bancária, como escreveu Freire em *Pedagogia do Oprimido*, ao se referir às pedagogias não críticas, de modo algum a educação é neutra, ela é reprodutora de idealismos vigentes, que determinam a formatação escolar em prol da construção de um determinado modelo social.

As políticas de governo, direcionadas a educação, chegam às escolas carregadas de interesses e intencionalidades. O apelo do autor foi para que os profissionais, conscientemente, identifiquem estes direcionamentos, pois em muitas oportunidades não são intenções que favorecem o público-alvo, do qual professoras/professores são integrantes, tão quanto os estudantes, os pais e a camada popular da sociedade.

Neste sentido, não há como a educação ser neutra politicamente na construção social. Não estamos tratando aqui da política no sentido partidário, mas da intencionalidade da formação humana e, conseqüentemente social.

A educação possui seus objetivos, tanto gerais como específicos e estes, assim como o conhecimento e a organização em sala de aula por parte do professor, contribuem para a definição de um modelo de formação humana e social, referenciado em algum padrão de pensamento teórico, político, ideológico.

Paulo Freire propôs que “é tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político” (1997, p. 23), um está intrínseco ao outro. A educação é um ato político, planejado e elaborado por aqueles que pensam politicamente a formação de um determinado modelo social e que deve ser executado pelos professores em sala de aula.

Aos professores/professoras, concerne refletir sobre tudo o que integra estas políticas, muitas vezes, carregadas de intenções e em muitas oportunidades com características que preja o individualismo, inimigas de uma construção social coletiva, inimigas do povo. Estudantes, pais e professores são atraídos por discursos falaciosos que aparecem ou em tom de convencimento – a melhor e única alternativa a ser seguida – ou em tom de terrorismo – ou aceita ou vai ser pior.

É fato que estas políticas são poderosas, pois se utilizam de todos os instrumentos disponíveis, com estratégias muito bem planejadas a ponto de suscitar discussões favoráveis a tais projetos entre a própria categoria de professores, que ingenuamente ou em troca de algum pequeno benefício momentâneo, ou até mesmo pelas próprias condições sociais e econômicas, compactuam com ideologias hostis a sua própria classe profissional.

A educação possui o caráter político, ou de ocultação ou de conscientização da realidade dos fatos, dos acontecimentos sociais que interferem na vida de todos. Quando professores não dispõem de uma leitura de mundo consciente da realidade social, ideologias que pregam o individualismo e a meritocracia triunfam na educação, mesmo que estas sejam prejudiciais ao público-alvo, inclusive os profissionais da educação (FREIRE, 2016b).

Quando estes profissionais assumem uma posição crítica diante da educação e da sociedade e utilizam o filtro da ética humana, impedem as agressões mercantilistas que desvalorizam a pessoa humana.

Alguns interesses determinaram/determinam o modelo em que a educação se apresentou/apresenta em cada momento histórico, com sua objetividade e subjetividade, que visam favorecer projetos políticos, muitos deles com prejuízos para as classes já desfavorecidas, como por exemplo os projetos que visam o individualismo e a meritocracia, que contribuem para o aumento da desigualdade social.

Como indicou Freire (2014), na maioria das vezes, os projetos políticos em relação à educação, traçam caminhos com características econômicas. Tenta-se reduzir os custos, ao invés de investir na formação humana e social, o objetivo é que a educação não seja um instrumento de transformação social, mas sim, de domínio social.

A luta de Paulo Freire foi para que as pesquisas e conhecimentos direcionem o modelo educacional mais propício para a formação humana consciente, mas o professor/professora precisa dispor deste conhecimento, por meio da formação acadêmica, de formações continuadas, sendo que estas últimas poderiam ser expandidas para projetos de pesquisas científicas, para uma construção humana consciente do momento presente, consciente das conquistas, mas também dos desafios a serem enfrentados em cada momento histórico, “o que não podemos, como seres imaginativos e curiosos, é parar de aprender e de buscar, de pesquisar a razão de ser das coisas. Não podemos existir sem nos interrogar sobre o amanhã, sobre o que virá” (2015, p. 136).

A escola pode contribuir, de forma decisiva, para que os indivíduos tenham conhecimento sobre o contexto em que estão inseridos. Na visão de Paulo Freire, o professor exerce sua função política, tanto como cidadão, quanto como profissional da educação, em uma ação direta, de contato, de proximidade. Neste contexto, o docente contribui para a manutenção de um sistema, ou para a transformação dele.

A esperança é que, mesmo com a consciência dos limites da educação, o professor exerça sua cidadania, com a responsabilidade de sua formação intelectual, na luta por uma sobrevivência mais digna daqueles que necessitam, frequentam ou dependem da educação pública, na luta por uma educação que possibilita a emancipação, até para o mais oprimido desta sociedade.

A forma com que o profissional da educação adquire o conhecimento define o modelo de trabalho educativo que vai exercer. O entendimento obtido em sua cultura, religiosidade, meio social, concepções políticas e, principalmente sua formação acadêmica, interferem diretamente na sua postura e ações desencadeadas em sala de aula. É possível

aprender todos os dias e principalmente na sala de aula. Neste sentido, Freire defendeu a formação continuada dos professores, mas uma formação esclarecedora do contexto social e dos interesses governamentais por de trás das políticas destinadas a educação, uma formação que possibilite avanços no conhecimento científico, para o bem da coletividade humana e não uma formação individualista, meritocrática, que apenas apresente os interesses do capital econômico.

O autor defendeu uma educação esclarecedora, das limitações e das possibilidades, que movem o educando, que movem a sociedade, que fortalecem e/ou enfraquecem os movimentos sociais populares, na luta contra todo tipo de opressão. É fundamental que se entenda a diferença entre valorizar o indivíduo e valorizar o individualismo, o indivíduo deve ser valorizado para o fortalecimento do coletivo, quando se valoriza o individualismo o coletivo é destruído.

No entendimento de Paulo Freire profissional da educação precisa ser capaz de dialogar com os estudantes, de apresentar a estes, o que, de fato, acontece no meio social e político e como isso interfere na educação, sem manipulação, com ética e coerência entre discurso e prática.

Expor e ouvir, dialogar, não apenas depositar conteúdos, mas, fazer da educação uma constante construção de conhecimento, de saberes e de consciência autônoma, que possibilite a leitura de mundo e a consciência da classe social.

Segundo Paulo Freire:

A educação que se impõem aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se em uma consciência especializada, macanicamente, compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência *intencionada* ao mundo. Não pode ser a de depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo (2016b, p.118).

O diálogo que Paulo Freire desenvolveu com seus interlocutores, resultou nas possibilidades de entender as exigências da educação e as exigências políticas da educação, por isso, é importante que professores tenham consciência de que políticas governamentais, não são políticas públicas de estado – políticas públicas de estado são as garantias prescritas na legislação, independentemente se o governo é favorável ou

contrário, o restante são apenas ideologias de politicagens, com as quais devemos ter todo o cuidado possível.

A legislação garante direitos e deveres sociais, já as políticas governamentais dependem de cada governo vigente, neste caso, cada líder governamental estipula suas políticas com exigências de acordo com suas ideologias. Se exige algo. Mas por quê? O que se pretende com isso?

É de suma importância que todos os profissionais da educação estejam atentos a isto, para entender o elemento ideológico contido nas políticas governamentais, a partir da concepção de sociedade que os líderes apresentam ao povo. Pensar em neutralidade na educação é pensar em algo que num primeiro momento parte da classe dominante, por pura estratégia de dominação, para manter-se estabilizada em seus projetos. Isso chega aos educadores, que muitas vezes se tornam vítimas destas ideologias e acabam reproduzindo-as, mesmo que sejam contra seus próprios interesses. Entretanto, com a formação continuada, intensa, consistente e esclarecedora possibilita ao professor, captar/entender e apresentar as duas faces de determinada questão, àqueles que são de sua responsabilidade dentro da sala de aula.

A função da educação não pode ser a de domesticação dos sujeitos, é preciso ter bem claro que limites e responsabilidades não significam dominação, mas sim, um direcionamento em prol da conscientização dos sujeitos, de seus deveres e direitos.

A conscientização das responsabilidades com o meio em que se vive e dos direitos como cidadão, independentemente da cor, classe social ou qualquer característica, é um dever da educação. Irresponsável é a educação que não cumpre com este papel.

Precisamos vencer estas ideologias, que tanto agridem a coletividade humana, quanto visam aprisionar o povo trabalhador que frequenta e depende da educação pública e jamais compactuar com qualquer tipo de discriminação que queira se impor na sociedade. Como esclareceu Paulo Freire

A minha rebeldia contra toda espécie de discriminação, da mais explícita e gritante à mais sub-reptícia e hipócrita, não menos ofensiva e imoral, me acompanha desde minha infância. Desde a mais tenra idade que reajo, quase instintivamente, contra toda palavra, todo gesto, todo sinal de discriminação racial. Como também de discriminação contra os pobres, bem mais tarde, se definia contra a discriminação de classe (2015, p. 199).

A ideologia se apresenta por alguns motivos e interesses específicos. A raiz está na insinuação ideológica da classe dominante, mas também pode surgir por hipocrisia na tentativa de ocultar o lado político, ou revelar as injustiças, fruto das disputas capitalistas, que geram as desigualdades. Muitas vezes também para encobrir as condições frágeis em que o trabalhador é submetido, pelas estratégias do fator econômico, que prega que o sucesso só depende do esforço individual. É visível que a situação do professorado é crítica, estão como se estivessem em pontas de lança, mas o escudo do conhecimento é mais forte do que a hipocrisia política. Paulo Freire defendeu que:

A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética. Não é algo que vem de fora, mas algo que dela faz parte. O combate em favor da dignidade da prática docente é tão parte dela mesma quanto dela faz parte o respeito que o professor deve ter à identidade do educando, à sua pessoa a seu direito de ser (2016a, p. 65).

O professor Paulo Freire, viu na categoria dos profissionais da educação, o ponto crucial para a organização de uma sociedade mais democrática. Com o filtro da ética humana e com reflexões sobre as reais intenções governamentais sobre a educação, professores unidos, poderiam desencadear grandes transformações no meio educacional e social.

O fato é que o poder público tem menosprezado a educação brasileira de forma histórica e isso não é por acaso, é algo pensado com a intenção de transformar a educação em um grande mercado, atualmente a intenção é de reverter as conquistas do povo, sucatear a educação pública, para depois, vender ao mercado capitalista. Freire enfatizou que:

Um dos piores males que o poder público vem fazendo a nós, no Brasil, historicamente, desde que a sociedade brasileira foi criada, é o de fazer muitos de nós correr o risco de, a custo de tanto descaso pela educação pública, existencialmente cansados, cair no indiferentismo fatalistamente cínico que leva ao cruzamento dos braços. “Não há o que fazer”, é o discurso acomodado que não podemos aceitar (2016a, p. 65).

O autor entendia que é possível vencer os obstáculos impostos como forma de domínio social, que visa manter este modelo de capitalismo que desperdiça toneladas de alimentos, enquanto milhões passam fome, que menospreza a pessoa humana em função do lucro. Eis o desafio que o autor nos impõe, lutar para transformar esta realidade.

Assim, como os descasos do poder público com a educação são históricos, as conquistas do povo também são e, enquanto o povo tiver a coragem de lutar, as conquistas ocorrerão, o que não podemos é entregar com facilidade, aquilo que custou muito esforço, que foi conquistado com a força e o poder do povo.

O professor Paulo Freire, reconhecido mundialmente, direcionou seu diálogo ao professorado consciente das condições, que a classe é submetida, mas também consciente da força que está contida nesta categoria e, em cada sujeito membro do grupo. Com o objetivo de despertar e mobilizar estes profissionais escreveu:

Sou professor a favor da docência e contra o despudor, a favor da liberdade e contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo (2016a, p. 100).

Ao analisar este diálogo de Paulo Freire com os professores, nos reportamos a uma passagem de Albert Einstein (2017), em que ele refletiu sobre os esforços realizados em prol do bem da humanidade, conforme a leitura, apesar de não termos a certeza dos resultados e de, na maioria das vezes, estes não serem de acordo com o esperado, sem os esforços, sem as lutas, os resultados seriam muito piores. Einstein falava sobre os desafios de construir a paz mundial e aqui falamos sobre os desafios de construirmos uma educação emancipadora, como propôs Freire.

Percebemos que é nesta linha de pensamento, ou seja, no diálogo proposto por Freire, que nós professores poderemos nos despertar para a importância da resistência e da luta pela dignidade, pela justiça social e contra políticas governamentais hipócritas, que visam apenas sucatear a educação pública para cedê-la ao mercado capitalista. Precisamos estar conscientes e atentos a tudo o que ocorre à nossa volta, num processo contínuo de aprofundamento no conhecimento científico e de leituras sobre o contexto e a realidade social.

Pesquisa, ensino e construção humana na ação docente

Na obra, “A Importância do Ato de Ler”, Freire (1997) retratou uma de suas experiências de infância, sua alfabetização. O escritor e educador relembrou o espaço, o ambiente, o contexto social, as “tecnologias” que teve a sua disposição naquele tempo. “Fui alfabetizado no chão de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi meu quadro negro; gravetos o meu giz” (1997, p. 15).

Neste processo histórico de trabalho e descobertas, o ser humano se constitui em sua forma presente, as exigências sociais demandam com qual intensidade este processo se dá. No caso dos professores, a exigência é grande e em ordem crescente, devido aos desafios contidos no exercício da profissão e a pressão que governos impõem sobre a educação, em favor do mercado capitalista, na contramão dos anseios do povo que tanto necessita de uma educação de qualidade, que possibilite a emancipação dos sujeitos, para o fortalecimento da nação.

Paulo Freire que começou sua alfabetização no quintal de sua casa, com seu pai e sua mãe, entendeu a importância do estudo contínuo, com novas descobertas, com dinamismo, possibilitando uma formação humana consciente da importância de estar inserido nos movimentos sociais, que lutam pela dignidade humana.

Segundo Freire, estudar não é apenas se sentar em uma cadeira para ouvir o que o professor tem a falar, mas fazer parte do processo de aprendizagem, visualizar o mundo, as situações, os problemas, empenhar-se em encontrar soluções. “Estudar é assumir uma atitude séria e curiosa diante de um problema” (1997, p. 58).

No caso dos professores, estudar é descobrir-se a cada dia, tomar consciência de quem somos, o que fazemos e para que fazemos, ter um conhecimento, um entendimento real do mundo, da sociedade em que vivemos, da posição que ocupamos e o que podemos fazer para que este mundo, para que esta sociedade seja mais humana, pacífica, coletiva, democrática e menos gananciosa.

A educação em Paulo Freire possibilita o rompimento com a domesticação, a consciência de si, a leitura de mundo e a importância dos movimentos sociais na luta por políticas públicas que atendam a população. “É por isso também que a educação será tão mais plena quanto mais esteja sendo um ato de conhecimento, um ato político, um compromisso ético e uma experiência estética” (FREIRE 2014, p. 136).

A reflexão sobre o contexto social, no qual, a vida humana está inserida, com “suas dimensões e virtualidades formadoras e deformadoras, humanizadoras ou desumanizadoras presentes nos processos sociais e, sobretudo nos movimentos de humanização e libertação” (ARROYO, 2003, p. 34-35), é a base indispensável para a pedagogia que valoriza a vida humana.

A educação problematizadora, que visa formar as pessoas conscientes de si e do mundo, numa perspectiva democrática, possibilita novas perspectivas na vida humana. Nas palavras de Freire:

E hoje tanto quanto ontem, contudo mais fundamentado hoje do que ontem, estou convencido da importância, da urgência da democratização da escola pública, da formação permanente de seus educadores, entre quem incluo vigias, merendeiras, zeladores. Formação permanente, científica (...) (2015, p. 32).

Na perspectiva do autor todos os envolvidos na instituição escolar necessitam de estudo, de acordo com as funções que exercem, pois, a escola é um espaço, no qual se desenvolve o processo que faz parte da formação humana, que pode tanto reproduzir o modelo social vigente, quanto promover práticas de democratização e transformação social, de progresso na qualidade de ensino público, com a valorização dos professores, mas também com o comprometimento deste, com uma constante formação, no decorrer de sua vida profissional.

Paulo Freire era plenamente convicto da importância das pesquisas, dos conhecimentos historicamente construídos, em um processo constante para proporcionar novas construções de conhecimento, a partir do contexto social em que estes estão inseridos. Sobre isso, Freire enfatizou que:

(...) toda docência implica pesquisa e toda pesquisa implica docência. Não há docência verdadeira em cujo processo não se encontre a pesquisa como pergunta, como indagação, como curiosidade, criatividade, assim como não há pesquisa em cujo andamento não se aprenda porque se conhece e não se ensina porque se aprende. O papel da Universidade, seja progressista ou conservadora, é viver, com seriedade, os momentos deste ciclo. É ensinar, é formar, é pesquisar. O que distingue uma universidade conservadora de outra, progressista, jamais pode ser o fato de que uma ensina e pesquisa e a outra nada faz (2015, p. 262).

A intencionalidade de Paulo Freire foi aproximar-se dos profissionais da educação, dialogando com eles as possibilidades de qualificar a educação pública, na medida em que os novos desafios se apresentam.

As mudanças são constantes e, na contemporaneidade, dificilmente são internas, predominantemente são mudanças externas, movidas por projetos governamentais sem os debates necessários para discutir as consequências. Os professores que não se atualizarem constantemente serão uma presa fácil, um aliado potente, a projetos que prejudicam a qualidade da educação pública e seu próprio trabalho docente.

Consciente da necessidade de dedicar-se aos estudos, as observações e reflexões sobre o contexto que se apresenta no momento histórico, Freire compartilhou com seus interlocutores os sentimentos resultantes da prática da leitura, enfatizou ainda que:

Ler, enquanto estudo, é um processo difícil, até penoso, às vezes, mas sempre prazeroso também. Implica que o (a) leitor (a) se adentre na intimidade do texto para aprender sua mais profunda significação. Quanto mais fazemos este exercício disciplinadamente, vencendo todo desejo de fuga da leitura, tanto, mais nos preparamos para tornar futuras leituras menos difíceis (2015, p.105-106).

O professor Paulo Freire, se pôs ao lado de seus interlocutores e apresentou-lhes a sua experiência, de luta por um mundo melhor, com menos desigualdade social, algo que lhe permitiu, em muitas oportunidades, superar o descaso com a educação, e por meio dela transformar a vida de muitas pessoas, dialogando de forma contextualizada.

A esperança deste autor e de uma parcela da sociedade, que de uma forma ou de outra depende da educação pública, é que os profissionais que se disponham a atuar nestas áreas, se comprometam com a ética humana, em favor do povo, da coletividade humana, da democracia, da qualidade do ensino e das políticas públicas inclusivas, com a consciência da importância dos debates, do diálogo, na luta por uma sociedade mais democrática, que se desprenda de práticas ou resquícios culturais que prejudiquem a coletividade e principalmente, a qualidade do ensino público. Questionar as situações com os estudantes, ensiná-los a ler o mundo em busca de novas descobertas.

As respostas são importantes, mas as perguntas estão em primeiro lugar, se não houver uma curiosidade em saber, as respostas perdem o sentido, tornam-se mecânicas e pesadas na sala de aula. A curiosidade de saber o caminho de se chegar ao resultado é que

possibilita a fluidez da aula e o desenvolvimento da aprendizagem, apesar de existirem outros fatores sociais que também influenciam neste processo.

Os desafios são diários, e a depender do modelo de governo, parecem ser invencíveis, no entanto, o diálogo aberto entre os próprios professores e professores e alunos, pode resultar em um grande movimento de luta por uma educação que dignifique, que emancipe o sujeito, mesmo diante das grandes opressões dominantes.

O diálogo na ação docente

O diálogo é a principal bandeira de Paulo Freire, é uma característica viva da educação problematizadora. O diálogo é oposto à prática da educação bancária, que apenas transmite conteúdo, no sentido de depositar informações, na qual só o professor/professora fala e o estudante apenas escuta. O diálogo é a base para que uma sociedade fortaleça seus movimentos e, de fato, transformem-se em uma sociedade democrática. Conforme afirmou Freire: “Falar, por exemplo, em democracia e silenciar o povo é uma farsa” (2016b, p. 140).

A problematização dos temas, do contexto em que os sujeitos estão inseridos, é um elemento importantíssimo para aprofundar um conhecimento consciente, para formar o ser humano em alguém que participe ativamente da sociedade. A pedagogia dialógica valoriza a pessoa humana, estimulando suas expressões, o debate, propicia uma consciência valiosa aos profissionais da educação e aos educandos em geral e, com isso, se estende para toda a sociedade.

Paulo Freire buscou deixar claro a importância da consciência humana sobre sua própria condição de vida, o papel que cada um desempenha, ou pode desempenhar no meio social. Em relação à educação, “o professor é visto por Freire como alguém ao lado do aluno, um ser que busca e aprende; o aluno passa a ser sujeito das ações educativas e não mais objeto, ganhando dignidade no processo educativo” (GOHN, 2017, p.15).

Freire apresentou em seus escritos, uma experiência prática de um processo de educação, em que mostrou uma relação de professor e estudantes e de como é possível educar com o diálogo, construir saberes, conhecimentos, conceitos.

O professor tem em suas mãos, em sua voz, certa liberdade e condição de fazer com que o ser humano tenha consciência de suas possibilidades, de se chegar ao objetivo,

enquanto estudante, enquanto ser social, por outro lado, o professor pode apenas depositar informações, sem espaço para questionamentos e exposições de pensamentos, por parte dos estudantes, que, geralmente preferem não dizer nada. Paulo Freire destacou uma experiência de alfabetização que mostra como um professor/professora pode tanto mobilizar os estudantes, quanto imobilizá-los, vamos ao relato:

(...) um jovem chileno, Gabriel Bode, que há mais de dois anos trabalha com o método na etapa pós-alfabetização, trouxe uma contribuição de mais alta importância. Na sua experiência, observou que os camponeses somente se interessavam pela discussão quando a codificação dizia respeito, diretamente, a aspectos concretos de suas necessidades sentidas. Qualquer desvio na codificação, como qualquer tentativa do educador de orientar o diálogo, na descodificação, para outros rumos que não fossem os de suas necessidades sentidas, provocavam o seu silêncio e o seu indiferentismo (2016b, p. 181).

O apelo do autor é que seja dada atenção aos anseios e angústias, de todos os que estiverem envolvidos no processo educativo, com disposição ao diálogo, sempre com a intenção de aprender, de vivenciar novas experiências, com o apelo para que os professores não se façam indiferente daqueles que acreditam, esperam e dependem deles/delas, os alunos em sala de aula.

Quando educamos com uma linguagem clara, quando dialogamos a respeito de temas importantes que nos envolvem, porque de certa forma tudo nos envolve, todo o conhecimento científico historicamente produzido diz respeito à humanidade, pois foi produzido por humanos e é a base para se aprofundar em novas descobertas, quando este processo educativo ocorre, é porque se entendeu a necessidade de possibilitar a autonomia de pensamento, direcionado para o bem comum.

Quando na condição de professores/professoras, conscientes do contexto histórico, questionamos os estudantes sobre o que eles têm a dizer a respeito de um assunto, possibilitamos a oportunidade de eles lerem o mundo, de entenderem as movimentações que ocorrem na sociedade, conscientizamos e situamos as pessoas, dando-lhes a oportunidade de entenderem a importância das lutas, dos movimentos sociais, da participação ativa na sociedade.

Paulo Freire entendia que o diálogo possibilita ao ser humano o conhecimento de si, a leitura de mundo e das mais variadas realidades do povo. A educação problematizadora, centrada no diálogo, proporciona ao educando uma

consciência da sociedade como um todo, das necessidades básicas de todos, para poder pensar em soluções e lutar pela implantação de políticas públicas que promovam o desenvolvimento humano e social em prol da coletividade.

Outro fator importante que o autor enfatizou foi a necessidade de os professores atuarem, de forma que os estudantes entendam sua linguagem, ou seja, o professor necessita, indispensavelmente, conhecer a realidade dos alunos, para a partir daí, começar a dialogar no nível intelectual dos estudantes. Em uma sala de aula com 20, 30, 40 ou até mais estudantes pode ser difícil tratar cada caso específico de modo individual, porém, para algumas variações de níveis de conhecimento podemos desenvolver uma mesma linguagem e, desta forma é possível partilhar do caminho do conhecimento, mediante questionamentos que respeitem os níveis de aprendizagem.

São estas valorizações, são estes entendimentos que possibilitam o diálogo e, conseqüentemente, reforçam a qualidade da aprendizagem e a prática democrática no ambiente escolar, algo que contribui como base para um ambiente escolar favorável e propício, para a elevação da qualidade de ensino. A ligação entre o nível de conhecimento dos educandos, e aquilo que vai ser ensinado, é uma ação democrática, pois, “Ninguém ensina o que não sabe. Mas também ninguém, numa perspectiva democrática, deveria ensinar o que sabe sem, de um lado, saber o que já sabem e em que nível sabem aqueles e aquelas a quem vai ensinar o que sabe” (FREIRE, 2015, p. 181).

Esta é uma prática que da vida à educação, aproxima o professor do estudante, possibilitando a formação humana, de forma consciente da sua realidade social, com formulações de conceitos científicos, com avanços nas relações pacíficas, sem a necessidade da punição, com avanços nos trabalhos em grupos, com avanços na qualidade do ensino e com a consciência da importância dos movimentos sociais.

A proximidade para com o estudante pode facilitar o diálogo em sala de aula. Paulo Freire relatou um diálogo que teve com um colega sobre uma experiência do passado, mas que tem muito a nos ensinar, quando queremos nos aproximar de nossos interlocutores. Eis o relato:

Em conversa recente com o sociólogo e professor brasileiro Otávio Ianni, da Unicamp, ouvi dele o relato de alguns de seus encontros com jovens militantes de esquerda, um deles na prisão, no Recife, em 1963, em que ele, Ianni, de um lado, não escondia sua emoção entre o que viu e ouviu, de outro, sua concordância com a forma como aqueles militantes

respeitavam a cultura popular e, nela, as manifestações de suas crenças religiosas.

- De que precisa você? - pergunta Ianni ao jovem encarcerado.
- De uma Bíblia – respondeu.
- Pensava que você me pediria o *Que fazer?* de Lenin – disse Ianni.
- Não preciso de Lenin agora. Preciso da Bíblia para entender melhor o universo místico dos camponeses. Sem esta compreensão, como posso me comunicar com eles? (FREIRE 2015, p.148).

Como um professor ou uma professora conseguirá êxito em seu trabalho em sala de aula se não entender o contexto com o qual seus interlocutores convivem diariamente? Se não conhecer o que eles conhecem e se nem sabe como eles conhecem? Segundo Freire, só a formação profissional qualificada e a consciente reflexão sobre a nossa ação docente pode ajudar nesse processo de transformação. Precisamos ter a capacidade de desenvolver uma linguagem clara, que proporcione o diálogo e a relação constante dos temas abordados com a realidade de conhecimento daqueles que ouvem.

No caso dos camponeses, o conhecimento bíblico era algo eficiente, para uma proximidade e para uma abertura ao diálogo, o que permitiria aprofundar os questionamentos na busca de novas descobertas. Para o autor, o ato de ensinar não deve limitar-se apenas no “transferir conhecimento”, isto já é passado na história, pelo contrário, deve ser realizado de forma dialética, na qual, os verbos ensinar e aprender, estejam sempre em evidência, tanto na vida do estudante, quanto na vida dos profissionais da educação.

Considerações Finais

Vimos nestas poucas páginas, que Paulo Freire atuou de forma explícita no campo da educação, procurando demonstrar a influência política e social que a escola sofre/promove ao longo da história.

O entendimento de Paulo Freire, foi de um professor que tem consciência da importância de suas contribuições. De forma intencional ele nos provoca para reflexões, seu diálogo é direcionado para nós, no intuito de mobilizar-nos para uma constante busca e aprofundamento, tanto dos conhecimentos científicos historicamente construídos, quanto das realidades humanas, sociais e políticas que nos envolvem desde muito cedo na vida.

A partir da leitura das obras de Paulo Freire, concluímos que o diálogo na relação professor/aluno em sala de aula, pode contribuir significativamente no processo de

ensino/aprendizagem. O profissional da educação necessita ser capaz de promover o diálogo em sala de aula, um diálogo compatível com o nível do conhecimento dos estudantes, de forma afetiva, que afete a todos no coletivo.

As contribuições do autor se referem a algo presente em nossa atualidade: aos desafios impostos aos professores, as possibilidades do nosso trabalho, a necessidade de formação. Estudar Paulo Freire possibilita entender o funcionamento social, a função da escola e o nosso papel em promover a domesticação ou conscientização nesse processo.

Freire enfatizou o diálogo e este é uma ferramenta eficiente na construção de conhecimentos, independentemente da idade do ser humano, principalmente na sala de aula. Um diálogo direcionado pode aumentar significativamente o nível de aprendizagem dos educandos e do próprio educador.

Nesses tempos obscuros, se faz necessário retomar Freire. A leitura de suas obras nos encaminha para a produção de conhecimento, principalmente no campo da educação, mas também do contexto social, e isso é indispensável no exercício da docência.

Precisamos contextualizar as informações para bem ensinar de forma eficiente em sala de aula, só assim poderemos alimentar a nossa luta por uma escola pública de qualidade, que ajude e promova a democracia.

Somente uma educação de qualidade, que promova a pesquisa, a reflexão e o diálogo podem avançar na formação de crianças, jovens e adultos, para que estes sejam capazes de pensar em novas formas de aprender e ensinar nas escolas e na sociedade.

O grande legado de Paulo Freire é a defesa da leitura de mundo que propicia consciência, compromisso e participação. Sua concepção educacional proporcionou e continua a proporcionar, principalmente ao povo oprimido, uma possibilidade de libertação.

Referências:

ARROYO, Miguel G. *Pedagogia em movimento – o que temos a aprender dos movimentos sociais?* Currículo Sem Fronteira, 2003, p. 28-49. Disponível em: www.curriculosemfronteiras.org. Acesso em 20 de jan de 2021.

EINSTEIN, Albert. *Meus últimos anos*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 33ª ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1997. (Coleção: Polêmicas do Nosso Tempo - 4).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 54ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016a. (Coleção Leituras).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 22ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 60ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016b.

FREIRE, Paulo. *Política e educação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GOHN, Maria da Glória. *Retrospectiva sobre a educação popular e os movimentos sociais no Brasil*. Niterói. Movimento-revista de educação. n° 7, 2017, p. 10-32.